

Philip Roth
O COMPLEXO DE PORTNOY

Romance

Tradução de
Ana Luísa Faria



Complexo de Portnoy (kōm'pleksu de port'noi) s. [de Alexander Portnoy (1993)] Perturbação na qual profundos impulsos éticos e altruístas entram em perpétuo conflito com desejos sexuais descomedidos, muitas vezes de natureza perversa. Diz Spielvogel: «São frequentes os actos de exibicionismo, voyeurismo, fetichismo, auto-erotismo e coito oral; dado o “sentido moral” do paciente, porém, nem fantasias nem actos desembocam numa satisfação sexual autêntica, dando antes azo a sentimentos opressivos de vergonha e ao receio de uma retaliação, em particular sob a forma de castração.» (Spielvogel, O., «O Pénis Perplexo», *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, Vol. XXIV, p. 909.) Spielvogel pensa que boa parte dos sintomas remetem para os vínculos característicos da relação mãe-filho.



A FIGURA MAIS INESQUECÍVEL QUE EU JÁ CONHECI

Ela estava tão profundamente implantada na minha consciência que durante o meu primeiro ano de escola eu julguei, tanto quanto me lembro, que cada uma das minhas professoras era a minha mãe disfarçada. Assim que soava o último toque eu precipitava-me para casa, perguntando a mim próprio, enquanto corria, se seria possível chegar ao nosso apartamento antes de ela conseguir transformar-se. Mas ela já estava invariavelmente na cozinha quando eu chegava, pronta a servir-me o leite e as bolachas. Em vez de pôr fim ao meu delírio, no entanto, tal proeza limitou-se a intensificar o meu respeito pelos seus poderes. Aliás, era sempre um alívio não a apanhar entre encarnações, se bem que eu nunca deixasse de tentar; sabia que o meu pai e a minha irmã ignoravam a verdadeira natureza da minha mãe, e o peso da traição que – imaginava eu – recairia sobre mim se alguma vez a apanhasse desprevenida era mais do que eu me sentia capaz de suportar aos cinco anos de idade. Acho que receava mesmo ser morto se porventura a avistasse, vinda a voar da escola, a entrar pela janela do quarto, ou a aparecer membro após membro, saindo de um estado invisível e preenchendo o seu avental.

Quando ela me pedia que lhe contasse tudo o que fizera durante o dia no jardim-escola, eu, é claro, fazia-o escrupulo-

samente. Não tinha a pretensão de entender todas as implicações da sua ubiquidade, mas que esta se destinava a descobrir que género de rapazinho eu era quando julgava que ela não estava presente – eis o que era indiscutível. Uma consequência desta fantasia, que subsistiu (sob esta forma particular) até à primeira classe, foi que, verificando não ter alternativa, eu me tornei honesto.

Ah, e brilhante. Da minha irmã mais velha, amarelenta e pesadona, a minha mãe dizia (na presença da Hannah, claro: também ela defendia a política da honestidade): «A criança não é nenhum génio, mas também não vamos pedir o impossível. Graças a Deus é trabalhadora, aplica-se até ao limite das suas capacidades, portanto aquilo que conseguir, seja melhor ou pior, deixa-nos satisfeitos.» De mim, herdeiro do seu grande nariz egípcio e da sua boca inteligente e palradora, de mim a minha mãe dizia, com a moderação que sempre a caracterizou: «Este *bonditt*? Não precisa sequer de abrir um livro – “Muito Bom” em tudo. Albert Einstein Segundo!»

E como é que o meu pai reagia a tudo isto? Bebia – não *whisky* como um *goy*, claro, mas óleo mineral e leite de magnésia; e mascava Ex-Lax; e comia All-Bran de manhã e à noite; e emborcava frutos secos sortidos aos pacotes de quilo. Sofria – e de que maneira! – de prisão de ventre. A ubiquidade dela e a prisão de ventre dele, a minha mãe entrando a voar pela janela do quarto, o meu pai a ler o jornal da tarde com um supositório no cu... eis, Senhor Doutor, as primeiras impressões que tenho dos meus pais, dos seus atributos e segredos. Ele costumava ferver folhas secas de sene numa caçarola, e isso, a par do supositório que invisivelmente se derretia no seu recto, fazia parte da bruxaria *dele*: ferver aquelas folhas verdes de veios salientes, mexer com uma colher o líquido malcheiroso, coá-lo depois cuidadosamente por um passador e vertê-lo em seguida para dentro do seu

corpo obstruído, através da expressão cansada e sofredora do seu rosto. E depois, debruçado em silêncio sobre o copo vazio, como à espera de ouvir uma trovoada longínqua, aguarda o milagre... Em criança eu às vezes sentava-me na cozinha e esperava com ele. Mas o milagre nunca se deu, pelo menos sob a forma que nós imaginávamos e por que rezávamos, como um levantar da sentença, uma supressão completa do mal. Lembro-me de que quando anunciaram na rádio a explosão da primeira bomba atômica ele disse em voz alta: «Talvez isso resolvesse o problema.» Mas para aquele homem todas as catarses foram em vão: tinha as *kishkas* apertadas pela mão de ferro da frustração e da raiva. Entre as muitas outras desgraças que o atormentavam, era eu o preferido da mulher dele.

Para lhe complicar ainda mais a vida, ele próprio gostava de mim. Também ele via em mim a oportunidade da família para ser «tão boa como as melhores», a nossa hipótese de conquistarmos fama e consideração – se bem que quando eu era pequeno formulasse quase sempre as suas ambições a meu respeito em termos de dinheiro. «Não sejas burro como o teu pai», dizia ele, brincando com o rapazinho sentado no seu colo, «não cases com uma mulher bonita, não cases por amor – vê se casas rico.» Não, ele não gostava nem um bocadinho de ser olhado de cima para baixo. Trabalhava desalmadamente – mas por um futuro para que não estava fadado. Nunca ninguém lhe deu plena satisfação, uma paga equivalente à mercadoria entregue – nem a minha mãe, nem eu, nem mesmo a minha querida irmã, cujo marido continua a considerar como um comunista (embora seja hoje sócio de um rendoso negócio de refrigerantes e proprietário da casa onde vive em West Orange). Nem, seguramente, essa empresa protestante com um volume de negócios de um bilião de dólares (empresa ou «instituição», como prefere intitular-se) pela qual foi explorado até ao osso. «A Instituição

Financeira Mais Benévola da América», lembro-me de ouvir o meu pai anunciar, quando pela primeira vez me levou a ver os seus poucos metros quadrados de secretária e cadeira na enorme sede da Boston & Northeastern Life. Sim, na presença do filho falava com orgulho da «Companhia»; não faria sentido rebaixar-se dizendo mal dela em público – afinal de contas, a firma tinha-lhe pago um ordenado durante a Depressão; dava-lhe papel de carta com o seu nome timbrado por baixo da imagem do *Mayflower*, insígnia da empresa (e por extensão também sua, ah, ah); e todos os anos, pela Primavera, dando mostras da mais absoluta benevolência, oferecia-lhe a ele e à minha mãe um fim-de-semana à borla em Atlantic City, num hotel *goyische* todo pimpão, para aí (juntamente com todos os outros agentes de seguros dos estados de Nova Iorque, Pensilvânia e Nova Jérсия que tivessem excedido a sua P. A. V., ou previsão anual de vendas) se deixarem intimidar pelo recepcionista, pelo empregado de mesa, pelo paquete, para já não falar dos desconcertados hóspedes pagantes.

Além disso, acreditava fervorosamente naquilo que vendia, o que significava mais uma fonte de angústia e dispêndio de energias. Não era só para salvar a alma que ele depois do jantar punha o casaco e o chapéu e voltava a sair para continuar o seu trabalho – não, era também para salvar um desgraçado qualquer prestes a deixar caducar a sua apólice de seguro, assim pondo em risco a segurança da família «se porventura viessem tempos difíceis». «Alex», costumava ele explicar-me, «um homem tem de estar precavido para os tempos difíceis. Não se deixa a mulher e os filhos no meio da tempestade, sem ao menos um guarda-chuva para se abrigarem!» E embora para mim, com cinco e seis anos de idade, o que ele dizia fosse perfeitamente sensato e até comvente, pelos vistos o seu discurso dos tempos difíceis nem sempre era tão favoravelmente recebido pelos polacos bisonhos, pelos irlandeses violentos e pelos negros analfabetos que viviam

nos bairros pobres que a Instituição Financeira Mais Benévola da América lhe confiara.

Riam-se dele, nos bairros degradados. Não lhe davam ouvidos. Ouviam-no bater e, atirando garrafas vazias contra a porta, gritavam: «Vá-se embora, não está ninguém em casa.» Açulavam os cães para cravarem os dentes no seu rabo de judeu teimoso. E ainda assim, ao longo dos anos, ele conseguiu obter da Companhia um tal número de placas, diplomas e medalhas em louvor das suas capacidades de vendedor que cobriam toda a parede do corredor comprido e sem luz onde o nosso serviço da Páscoa ficava guardado em caixotes de papelão e os nossos tapetes «orientais» jaziam mumificados nos seus grossos invólucros de oleado durante o Verão. Se ele era capaz de fazer jorrar sangue de uma pedra, não saberia A Companhia recompensá-lo com um milagre da sua lavra? Não poderia «O Presidente» lá na «Sede» ouvir falar da sua proeza e transformá-lo de um dia para o outro de agente pago a cinco mil dólares por ano em chefe de secção pago a quinze mil? Mas deixaram-no ficar exactamente onde estava. Quem mais conseguiria lavrar um terreno tão estéril com resultados tão espantosos? Além disso, em toda a história da Boston & Northeastern nunca houvera um chefe de secção judeu (Não São propriamente do Nosso Meio, Minha Querida, como se dizia no *Mayflower*), e o meu pai, com o seu oitavo ano de escolaridade, não era o homem mais talhado para se tornar o Jackie Robinson do ramo dos seguros.

N. Everett Lindabury, o presidente da Boston & Northeastern, tinha o retrato pendurado no nosso corredor. A fotografia emoldurada fora o prémio que o meu pai recebera depois de vender o seu primeiro milhão de dólares de seguros – ou talvez fosse a recompensa reservada a quem atingia a marca dos dez milhões. «Mr. Lindabury», «A Sede»... pelo tom de voz do meu pai, estas coisas soavam aos meus ouvidos como Roosevelt na

Casa Branca em Washington... e ao mesmo tempo como ele os odiava, em especial a Lindabury, com o seu cabelo cor de palha e o seu sotaque enérgico da Nova Inglaterra, os filhos na Universidade de Harvard e as filhas no colégio feminino, oh, como odiava toda essa corja, lá no Massachusetts, *shkotzim* entretidos a caçar raposas! a jogar pólo! (conforme o ouvi berrar uma noite, através da porta do quarto) – e assim o impedindo, percebe, de ser um herói aos olhos da mulher e dos filhos. Que raiva! Que fúria! E na realidade não havia contra quem dirigi-la – excepto contra si próprio. «Porque é que as minhas tripas não trabalham? Estou cheio de ameixas até às orelhas! Porque é que tenho estas dores de cabeça? Onde estão os meus óculos? Quem foi que me mexeu no chapéu?»

Dessa maneira feroz e autodestruidora que tantos homens judeus da sua geração tinham de servir as famílias, servia o meu pai a minha mãe, a minha irmã Hannah, e em particular a mim. Se ele vivera prisioneiro, eu havia de voar em liberdade: tal era o seu sonho. E o meu era um corolário do dele: com a minha libertação viria a sua – da ignorância, da exploração, do anonimato. Ainda hoje os nossos destinos permanecem confundidos na minha imaginação, e não poucas vezes, ainda, ao ler nalgum livro uma passagem que me impressiona pela sua lógica ou pela sua sabedoria, dou por mim a pensar, instantânea e involuntariamente: «Se ao menos ele pudesse ler *isto*. Sim! Ler, e perceber!» Ainda a alimentar esperanças, como vê, ainda cheio de «se ao menos», apesar dos meus trinta e três anos... Quando era caloiro na faculdade, e vivia ainda mais intensamente o papel do filho a querer abrir os olhos ao pai – quando me parecia que compreender era para ele uma questão de vida ou de morte –, lembro-me de que arranquei o formulário de assinatura de uma dessas revistas intelectuais que eu próprio mal começava a descobrir na biblioteca da faculdade, preenchi-o com o nome dele e a nossa

morada, e mandei pelo correio uma assinatura de oferta anónima. Mas quando cheguei a casa nas férias no Natal, carrancudo e soturno, para visitar e condenar a família, não vi em parte nenhuma a *Partisan Review*. Lá estavam a *Collier's Hygeia*, a *Look*, mas onde pararia a *Partisan Review*? Atirada para o cesto dos papéis sem sequer ter sido aberta – pensei eu, na minha arrogância e no meu desânimo –, deitada fora sem ter sido lida, considerada como *lixo* por esta besta, este atrasado mental, este filisteu que era o meu pai!

Lembro-me – para recuar ainda mais nesta história de desencanto –, lembro-me de um domingo de manhã em que atirei uma bola de basebol ao meu pai e fiquei em vão à espera de a ver passar bem alto, muito acima da minha cabeça. Tenho oito anos, e recebi como prenda de aniversário a minha primeira luva e bola, e um taco regulamentar que ainda nem tenho força para manejar como deve ser. O meu pai saiu logo de manhã cedo de chapéu, casaco, laço e sapatos pretos, levando debaixo do braço o grosso livro de cobranças de capa preta que diz quem deve o quê a Mr. Lindabury. O meu pai desce ao bairro negro todos os domingos de manhã, sem falta, porque, segundo me explica, é essa a melhor altura para apanhar os que não se mostram muito dispostos a largar os reles dez ou quinze cêntimos necessários para pagar a prestação semanal do prémio. Ronda os sítios onde os maridos se sentam ao sol, tentando arrancar-lhes uns cêntimos antes que emborquem as suas garrafas de vinho «Morgan Davis» e caiam redondos, perdidos de bêbedos; irrompe dos becos como uma seta para apanhar entre a casa e a igreja as piedosas mulheres da limpeza que durante a semana passam o dia em casa de outras pessoas e à noite se escondem dele. «Oh-oh», grita alguém, «vem aí o Sr. Seguros!», e até as crianças correm a esconder-se – as *crianças*, diz ele descoroçoado, portanto diz-me lá como é que se pode ter esperança de que estes pretos um dia

venham a viver decentemente? Como é que hão-de conseguir um destino melhor se nem sequer são capazes de perceber a importância de um seguro de vida? Será que se estão completamente nas tintas para os familiares que cá ficam? Porque “os preto” também morre como os outros, quer goste quer não – diz ele, furioso – morre, “sim siô”!» Por amor de Deus, que raio de homem é que deixa os filhos à chuva, no meio da tempestade, sem sequer um guarda-chuva decente para se abrigarem!

Estamos no grande campo de terra batida nas traseiras da minha escola. Ele poisa no chão o grande livro de cobranças e avança para a posição do batedor, de casaco e chapéu mole castanho. Tem óculos quadrados de aros metálicos, e o cabelo (igual ao que é hoje o meu) parece um matagal desgrenhado com cor e textura de palha-d’alho; e aqueles dentes, que passam a noite toda num copo na casa de banho a sorrir à retrete sorriem agora para mim, o seu filho querido, a carne da sua carne, o rapazinho cuja cabeça nunca há-de apanhar chuva. «O. K., Campeão das Dúzias», diz ele, e agarra no meu taco regulamentar novo pouco mais ou menos pelo meio – e, para meu grande espanto, com a mão esquerda no sítio onde devia estar a direita. Invade-me de repente uma tristeza enorme: quero-lhe dizer *Eh, tens as mãos trocadas*, mas não consigo, porque tenho medo de desatar a chorar – ou de o fazer chorar a ele! «Anda lá, Campeão das Dúzias, atira a bola», grita ele, e eu obedeço – e descubro, é claro, além de todas as outras coisas de que começo a desconfiar em relação ao meu pai, que ele também não é um «King Kong» Charlie Keller.

Grande guarda-chuva, sim senhor.

A minha mãe é que sabia fazer tudo, e ela própria se via obrigada a admitir que talvez até fosse boa de mais. E como duvidaria disto uma criança pequena com a minha inteligência, com

a minha capacidade de observação? Ela conseguia, por exemplo, fazer gelatina com bocados de pêssego *suspensos*, com os pêssegos a boiar lá dentro, desafiando a lei da gravidade. Conseguia fazer um bolo que tinha tal e qual o sabor de uma banana. Chorando, sofrendo, ralava ela própria em casa o seu rábano picante, em vez de comprar os *pishachs* em frascos à venda na charcutaria. Vigiava o homem do talho, segundo dizia, «com olhos de águia», para se certificar de que ele não se esquecia de passar a carne picada pela máquina *kosher*. Telefonava a todas as outras mulheres do prédio que tivessem roupa a secar nos estendais das traseiras – até falou à *goy* divorciada do último andar, num dia de magnanimidade – dizendo-lhes que se despachassem a apanhar os lençóis, porque acabava de cair um pingo de chuva na nossa vidraça. Que radar o daquela mulher! E ainda *antes* da invenção do radar! A energia que ela tinha! A minúcia! Inspeccionava as minhas contas de somar em busca de erros; em busca de buracos, as minhas meias; em busca de sujidade, as minhas unhas, o meu pescoço, e cada costura e refego do meu corpo. Dragava até os recessos mais esconsos dos meus ouvidos derramando água oxigenada fria para dentro da minha cabeça. A água oxigenada fervilha e borbulha nos meus ouvidos como *ginger ale*, e traz à tona, reduzidas a migalhas, as reservas ocultas de cera amarela, que aparentemente põem em perigo a audição de uma pessoa. Uma intervenção médica como esta (por muito extravagante que seja) exige naturalmente um certo dispêndio de tempo; exige também esforço, é claro – mas quando estão em causa a saúde e o asseio, os micróbios e as secreções corporais, ela é incapaz de se poupar, sacrificando os outros. Acende velas pelos mortos – os outros esquecem-se sempre, ela lembra-se religiosamente, e sem o auxílio sequer de uma anotação no calendário. A devoção está-lhe na massa do sangue. Pelos vistos é a única pessoa, diz ela, que quando vai ao cemitério tem «o bom senso», «a pura

e simples decência», de arrancar as ervas daninhas da campã dos nossos parentes. Chega o primeiro dia soalheiro de Primavera, e já ela protegeu contra a traça todas as peças de lã que há na casa, enrolou e embrulhou os tapetes, arrastando-os para a sala dos troféus do meu pai. Ela nunca se envergonha da sua casa: podia entrar um estranho e abrir qualquer armário, qualquer gaveta, que ela não teria nada de que se envergonhar. Até se podia comer no chão da casa de banho, se porventura viesse a ser preciso. Quando perde ao *mah-jong* aceita desportivamente a derrota, ao-contrário-dessas-outras-de-quem-até-podia-dizer-os-nomes-mas-não-diz-nem-sequer-a-Tilly-Hochman-é-tão-mesquinho-que-nem-vale-a-pena-falar-do-caso-o-melhor-é-fazer-de-contaque-o-assunto-nem-chegou-a-vir-à-baila. Ela cose, ela tricota, ela passaja – engoma ainda melhor do que a *schvartze*, para quem, de entre todas as suas amigas que possuem cada qual um bocadinho da pele dessa velha negra risonha e acriançada, só ela sabe ser boa. «Sou eu a única que é boa para ela. Sou a única que lhe dá uma lata inteira de atum para o almoço, e não é desse atum rasca, não senhor. Atum Chicken of the Sea, Alex. Tenho muita pena, mas não consigo ser forreta. Hãode desculpar-me, mas não sei viver assim, mesmo que este meu feitio me saia caro. A Esther Wasserberg deixa vinte e cinco cêntimos em moedas de cinco espalhados pela casa quando a Dorothy lá vai, e depois conta-os para ver se não falta nada. Talvez eu seja boa de mais», segreda-me ela, enquanto passa por água a escalear o prato em que a mulher da limpeza acaba de almoçar, sozinha como uma leprosa, «mas era incapaz de fazer semelhante coisa.» Uma vez calhou a Dorothy entrar na cozinha quando a minha mãe ainda estava debruçada sobre a torneira da água quente, derramando torrentes sobre o garfo e a faca que tinham estado entre os lábios grossos e rosados da *schvartze*. «Oh, parece que a maionese agora se agarra mais aos talheres, não é, Dorothy?», diz a minha mãe, com

o seu desembaraço habitual – assim conseguindo, graças à agilidade do seu raciocínio, segundo me explica mais tarde, não ferir os sentimentos da mulher de cor.

Quando me porto mal, ela põe-me fora do apartamento. Eu fico à porta a bater, a bater, até jurar que estou pronto a mudar de vida. Mas o que foi que eu fiz? Todos os dias engraxo os meus sapatos com uma folha do jornal da véspera a proteger cuidadosamente o linóleo; a seguir nunca me esqueço de tapar com firmeza a lata da graxa nem de pôr todo o equipamento no seu devido lugar. Espremo a bisnaga da pasta de dentes a partir da extremidade, escovo os dentes em círculos e nunca para cima e para baixo, digo «Obrigado», digo «Não tem de quê», digo «Com licença» e «Se faz favor». Quando a Hannah está doente ou tem de sair antes do jantar com a sua lata azul para participar no peditório do Fundo Nacional Judaico, ponho a mesa voluntariamente e fora da minha vez, lembrando-me sempre de que a faca e a colher são à direita, o garfo à esquerda, e o guardanapo à esquerda do garfo e dobrado em triângulo. Nunca seria capaz de comer *milchiks* de um prato *flaishedigeh*, nunca, nunca, nunca. E, no entanto, há pouco mais ou menos um ano que não passa um mês sem eu fazer algo tão imperdoável que me mandam fazer as malas e sair. Mas o que poderá ser? Mãe, sou eu, o rapazinho que passa noites inteiras, antes de começar a escola, a desenhar a letra gótica os nomes das disciplinas nos separadores coloridos das pastas, que cola pacientemente argolas de reforço numa quantidade de papel de *dossier* suficiente para três meses, tanto pautado como sem linhas. Trago comigo um pente e um lenço lavado; tenho o cuidado de nunca trazer as meias a cair pelas pernas abaixo; faço os trabalhos de casa com meses de antecedência – tens de admitir, mamã, que sou o rapaz mais esperto e mais aprumado de toda a história da minha escola! As professoras (como tu bem sabes, como elas já te disseram) voltam felizes

para casa, para a companhia dos maridos, graças a mim. Portanto, o que foi que eu fiz? Levante-se, por favor, quem souber a resposta a esta pergunta! Eu sou tão detestável que ela não me quer lá em casa *nem mais um minuto*. Quando uma vez chamei à minha irmã parvalhona peneirenta, lavaram-me imediatamente a boca com um bocado de sabão azul e branco; isso ainda eu compreendia. Mas o ostracismo? O que é que eu terei feito de tão terrível!

Como ela é boa pessoa vai preparar-me um almoço para eu levar, mas depois é casaco, galochas e rua, e pouco lhe importa o que venha a acontecer.

Está bem, digo eu, se é isso que queres! (Porque também eu tenho o gosto do melodrama – não é em vão que pertencço a esta família.) Não preciso de almoço para nada! Não preciso de coisa nenhuma!

Já não gosto de ti, não gosto de um rapazinho que se porta como tu. Vou viver aqui sozinha com o papá e a Hannah, diz a minha mãe (de facto uma mestra na arte de dizer as coisas de maneira a dar cabo de uma pessoa). A Hannah pode muito bem preparar as peças do *mah-jong* para as senhoras na quinta-feira à noite. Já não precisamos de ti.

Quero lá saber! E saio porta fora, para o longo corredor mal iluminado. Quero lá saber! Hei-de vender jornais descalço pelas ruas. Hei-de viajar para onde me apetecer em vagões de mercadorias e dormir no campo, a céu aberto, imagino já – mas depois basta-me ver as garrafas de leite vazias ao lado do nosso capacho para sentir abater-se sobre a minha cabeça a imensidade daquilo que perdi. «Odeio-te!», berro então, pontapeando a porta com a galocha calçada; «metes-me nojo!» Perante esta injúria, perante esta heresia a ressoar pelos corredores do prédio de apartamentos onde compete com vinte outras mulheres judias pelo título de santa padroeira do auto-sacrifício, a minha mãe